André Pomponet

Um retrato da situação do trabalhador em Feira

André Pomponet - 20 de abril de 2019 | 17h 34

Em 2016, no auge da crise econômica cujos efeitos ainda se fazem sentir no Brasil, o trabalhador recebia, em média, dois salários mínimos aqui na Feira de Santana. Naquele ano, o mínimo equivalia a R$ 880. Ou seja: a remuneração média alcançava R$ 1.760. Não era muito em relação à realidade do País: no ranking elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, o município fica na longínqua 1.807ª posição, bem distante de diversos municípios menores e mais dinâmicos no Sul e no Sudeste.

Mas, mesmo aqui na Bahia, a posição não era das mais animadoras: no estado, a Feira de Santana fica em um modesto 59º lugar. Aliás, mesmo na microrregião, não conseguimos garantir o protagonismo: a Princesa do Sertão fica apenas em terceiro lugar. Isso significa que, apesar da pujança econômica do município, a ocupação do feirense remunera menos e ele, provavelmente, é menos qualificado que os trabalhadores de cidades do mesmo porte.

Isso fica mais claro quando se analisa o conjunto dos trabalhadores da Feira de Santana. Segundo o IBGE, em 2016 havia exatas 132.099 pessoas integrando esse contingente. É o maior número aqui na região e, em termos de Bahia, só perde para Salvador, a capital. No Brasil, também ocupa posição de destaque: é o 51º maior contingente.

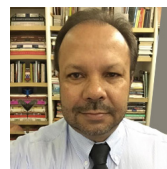
O número corresponde a 21,2% da população feirense, conforme estima o instituto. Esse quesito também reforça a sensação de que o trabalhador local, relativamente, ganha pouco, quando se comparam os itens. Afinal, percentualmente, temos a segunda maior proporção da microrregião, ocupamos a 14ª posição no estado e, no Brasil, ficamos distantes – 1.136º lugar – mas, mesmo assim, mais bem situados que em relação ao salário médio.

Pobreza

Há mais um item que reforça o distanciamento entre o tamanho do mercado de trabalho e o rendimento médio: a renda *per capita*, embora esta, evidentemente, possa envolver ganhos que vão além da remuneração do trabalho. Na Feira de Santana, 38,7% da população sobrevivia com o equivalente a até meio salário mínimo (R$ 440) *per capita* até três anos atrás.

Na microrregião, a Feira de Santana obteve a melhor posição entre os 24 municípios, segundo o IBGE. No estado, somente 10 dos 417 municípios ostentavam condição mais favorável. E, no País, a Princesa do Sertão cravou a posição 2.913 entre os 5.570 municípios brasileiros.

CHARGE DA SEMANA

COLUNISTAS

César Oliveira

CENSURA NUNCA MAIS

A revoltante impunidac

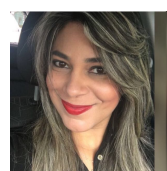
André Pomponet

Um retrato da situação trabalhador em Feira

Sufoco para as compra Semana Santa no Cent Abastecimento

Valdomiro Silva

Bahia de Feira segue fi se tornar terceira força no Estado

Os adversários de Flum Bahia de Feira na Série Brasileirão 2019

Emanuela Sampaic

A espera de Maria Júlia

Robson Paranhos agora embaixador da Kérasta

Os números indicam que a Feira de Santana ostenta uma posição intermediária mais por sua importância econômica que, propriamente, pelas condições satisfatórias desfrutadas por seus trabalhadores. Nota-se, aqui, a oferta de maiores oportunidades de trabalho, mas sem a mesma qualidade de outros lugares. Conforme apontado acima, em parte, isso se deve à baixa qualificação da mão de obra local.

Crise

Os números são de três anos atrás, quando a crise se encaminhava para o auge. A questão é que, de lá para cá, as condições de vida se deterioraram bastante, pois, apesar do discreto crescimento da economia nos últimos dois anos, o mercado de trabalho seguiu piorando, conforme atestam inúmeros levantamentos.

Essa piora é facilmente constatável em qualquer passeio pelo centro da cidade e, também, pelas ruas comerciais dos bairros feirenses, sobretudo os periféricos. Cresceu muito a quantidade de pessoas que se aventuram como camelôs ou ambulantes, tentando garantir o trocado para as despesas domésticas. É evidente que a remuneração média dessas pessoas tendeu a puxar a média local para baixo.

É evidente também que, aqui, se sinaliza para uma tendência, que vai se confirmar – ou não – nos próximos levantamentos. Sob certos aspectos, isso nem é o mais lastimável. O pior é perceber que, no País, sequer se discutem alternativas para se sair desse cenário funesto no médio prazo.

André Pomponet

LEIA TAMBÉM

Sufoco para as compras da Semana Santa no Centro de Abastecimento

Paradeiro na atividade econômica causa retração no PIB

Cães e gatos abandonados pelas ruas da cidade

INÍCIO O TRIBUNA ANUNCIE AQUI EDIÇÃO IMPRESSA VOCÊ NO TRIBUNA FALE CONOSCO

redacao@tribunafeirense.com.br

75 3225 7500
Av senhor dos passos, 407 - Sala 5, centro, Feira de Santana-BA

/Jornal Tribuna Feirense
@tribunafeirense